

## UM OLHAR SOBRE A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE MOÇAMBICANA EM *A ÁRVORE DAS PALAVRAS*

Priscila Finger do Prado

*E no entanto nenhuma pessoa,  
e nenhuma cultura, é melhor que a outra,  
e também os brancos têm muito  
a aprender com os negros.*  
(Teolinda Gersão)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é problematizar, a partir da análise de *A árvore das palavras* (2004), de Teolinda Gersão, como se processa a afirmação da identidade moçambicana, considerando o descortinamento do seu passado histórico e dos traços culturais que aparecem neste romance. Os elementos dessa cultura são revelados pelo olhar da personagem Gita, que vivencia o choque entre duas tradições diversas: a de Portugal (nação colonizadora de seu país) e a de Moçambique (país onde nasceu e com o qual se identifica). Para essa análise, utilizamos os estudos sobre identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall, sobre conceitos de identidade, de Edouard Glissant, e sobre simbolismos literários, de Gilbert Durand, além dos estudos sobre a obra de Teolinda Gersão, de Inara Rodrigues e Laura Padilha.

**Palavras-chave:** Literatura; Identidade; Cultura, *A árvore das palavras*; Teolinda Gersão.

**ABSTRACT:** We intends, with this study, an analysis of the book *A árvore das palavras* (2004), by Teolinda Gersão, in order to verify how the identity's affirmation of the Mozambique's people is build. The culture's elements are exposed by the Gita's point of view, the character that lives the conflict between two diferents traditions: the Portugal's culture and the Mozambique's way of life, so that its made an identity's conflict.

**Key-words:** Literature, Identity, Culture, *A árvore das palavras*; Teolinda Gersão.

### Considerações iniciais

O espaço moçambicano não foi totalmente renegado pelas páginas das obras da Literatura Portuguesa. Contudo, esse espaço pareceu periférico até a contemporaneidade, de forma que se destacava do território africano somente características ligadas à idéia de selvageria, de animalidade, de inferioridade e de comércio. Assim foram destacadas as localidades africanas de colonização portuguesa, na literatura lusa, pela escrita de Camões ou de Eça de Queirós (PADILHA, 2002, p.115, 135), por exemplo.

A representação do território português em África, então, era descrita sempre em oposição às qualidades do povo e do território de Portugal, ressaltando-se as concepções de selvageria do povo africano e de lucros fáceis aos portugueses que se aventurassem por tais territórios. Conforme Laura Padilha (2002, p.95), uma imagem constante, ao se referir ao espaço africano, seria a de “árvore das patacas”:

Como em África medrava a frondosa “árvore das patacas”, além dessa urgência nacional de nova arrancada, corporifica-se o sonho da própria expansão individual, pois os frutos daquela árvore estariam à disposição plena dos que quisessem trabalhar e, assim, progredir (2002, p. 95).

Nesse sentido, grande foi a sagacidade de Teolinda Gersão, em seu romance *A árvore das palavras* (2004), ao jogar com os sentidos de abundância e riqueza que o espaço africano teria a oferecer aos portugueses que o quisessem conhecer melhor, ou mesmo que se transferirem para lá. Isso porque, se para o senso comum a riqueza advinda das terras africanas de colonização portuguesa seria resultante da exploração de sua terra e gente; com o trocadilho de Gersão, tal riqueza se focalizou na herança cultural, nas linguagens novas a serem adquiridas e, com elas, nas novas formas de pensar a vida e o homem.

Esse encontro de culturas, devido ao enfoque na exploração, poupou ao colonizador a reflexão sobre a identidade do povo colonizado e, dessa forma, a questão identitária só se fez realmente nítida para os portugueses, quando se delineou o período de luta dos povos colonizados por sua independência. Assim, o questionamento das antigas dicotomias entre negro e branco, português e africano, oral e escrito, opressão e liberdade, na Literatura Portuguesa, parece não ter aparecido antes do período de luta pela independência dos territórios portugueses em África. Somente quando a cultura artístico-literária desses espaços se fez escrita, os autores portugueses puderam lançar outros olhares sobre a questão “colonizador-colonizado”. Dessa nova escrita sobre a “África portuguesa”, em especial sobre Moçambique, sobre o processo de descolonização (PADILHA, 2002, p.117), ganham destaque os nomes de Hélder Macedo (2002, p. 118), com seu romance *Partes de África* (1991), e de Teolinda Gersão, com *A árvore das palavras* (2004).

Ressaltando-se a idéia de questionamento da identidade de um povo, vem a contribuir a perspectiva de Stuart Hall (2004, p.9), o qual concorda com a opinião de Kobena Mercer sobre a ideia da crise identitária como provocadora do questionamento da identidade. Ou seja, somente



**TRAVESSIAS ISSN-1982-5935**  
**VOL.11 N.03. 25 ED. 2015**

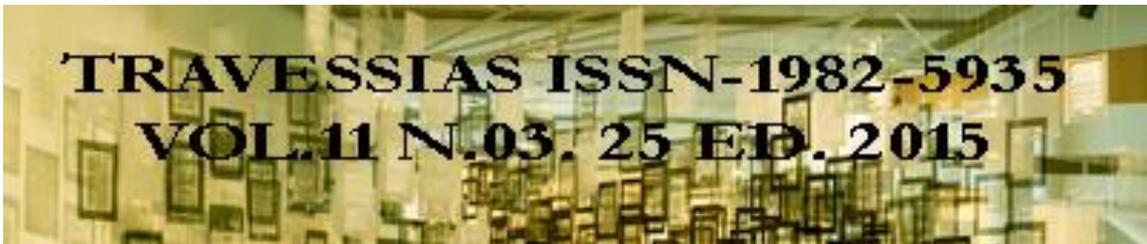
quando a soberania portuguesa foi questionada pelos habitantes de suas então colônias - e com ela a concepção de uma cultura superior - é que a questão da identidade passou a ser primordial a esses povos. Segundo Hall (2004, p.47), a ideia de nação é um dos pilares da questão identitária, de modo que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (2004, p.47).

Ainda segundo Hall (2004, p. 51-55), a narrativa da cultura nacional é contada por cinco elementos principais: 1) *a narrativa da nação*; 2) *a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade*; 3) *a invenção da tradição*; 4) *o mito fundacional*; e 5) *na idéia de um povo ou folk puro, original*. Desses, destacamos o primeiro, o qual estaria presente nas “histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular” (2004, p. 52). Através da narrativa da nação é que um povo se veria enquanto tal, dividindo um mesmo imaginário:

Ela [a narrativa nacional] dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (2004, p.52).

O romance de Gersão, como uma narrativa da nação moçambicana, através do paralelismo entre a trajetória da protagonista e de seu país natal, constrói um imaginário que mescla as qualidades do colonizado às boas características do colonizador. Sem renegar Portugal, a obra enaltece traços da cultura africana possíveis de constituir uma identidade nacional. Primeiramente destacando as dicotomias do espaço romanesco, a narradora de *A árvore das palavras* mostra que essas podem ser misturadas, o que seria mais característico dos povos africanos que, não sem alguma resistência, mesclaram ao seu modo de vida o de seus dominadores, tanto na língua, quanto nos costumes em geral.

Assim, ao invés de uma ênfase tão somente na sua tradição, o que poderia contribuir para um xenofobismo de tudo quanto viesse do ex-colonizador, a narrativa da nação moçambicana, no romance de Gersão, é construída por um processo de “tradução” (2004, p. 87), já que aceita “que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’” (2004, p. 87). Pretendemos analisar, a partir dessas primeiras constatações, como se processa a afirmação da identidade moçambicana no romance *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão, buscando também delinear como a constituição das personagens contribui para a representação das culturas lusa e moçambicana/africana.



## 1. As palavras da árvore

O objetivo desse trabalho, como já mencionado, é levantar aspectos da cultura africana que consolidam, na obra *A árvore das Palavras*, de Teolinda Gersão, a identidade do povo moçambicano. Para tanto, faz-se necessária a apresentação da autora, demonstrando a sua relevância diante do quadro da literatura portuguesa contemporânea, bem como a exposição de um quadro geral da obra, para, enfim, estudá-la mais detalhadamente com a análise.

A autora de *A árvore das Palavras* iniciou sua carreira literária relativamente tarde. Tendo nascido em Coimbra a 1940, Teolinda Gersão estudou Germanística e Anglística nas Universidades de Coimbra, de Tuebingem e de Berlim. Durante seu trajeto acadêmico, Gersão exerceu a docência na Universidade Técnica de Berlim, na Faculdade de Letras de Lisboa, e na Universidade Nova de Lisboa, onde ministrou aulas de Literatura Alemã e Literatura Comparada, até meados de 1995. A partir dessa data, passou a dedicar-se exclusivamente à sua carreira de escritora.

É interessante destacar ainda que, tendo vivido grande parte de sua vida entre as culturas portuguesa e germânica, Teolinda Gersão ainda teve a oportunidade de conhecer um pouco da cultura brasileira, já que viveu no Brasil durante dois anos, e da cultura moçambicana, uma vez que viajou para o país, descobrindo-lhe a capital Lourenço Marques. Dessa viagem, rendeu-lhe parte das sementes necessárias para o nascimento de sua *Árvore*.

*A árvore das palavras* é um romance de 1997, mas que somente foi editado no Brasil em 2004. Esse romance de Teolinda Gersão nos apresenta uma Lourenço Marques (capital moçambicana) de época anterior e coincidente com o processo de independência de Moçambique. Dentre o cenário dessa época, são problematizadas as relações humanas, a fim de salientar a dificuldade de comunicação entre Portugal e sua então colônia, demarcando os conflitos entre opressão e liberdade, além do desejo de afirmação identitária do povo moçambicano.

O romance tem como enredo as experiências vivenciadas por Gita, que narra a maior parte do romance, às quais se entremeiam as ponderações da personagem. As reflexões da protagonista fazem parte do seu amadurecimento, constituindo uma espécie de autobiografia que contempla desde o período de sua meninice até o de sua fase adulta. Sendo filha de pais pobres e brancos, Gita é criada em meio à cultura negra africana, na qual se insere por identificação. Suas



**TRAVESSIAS ISSN-1982-5935**  
**VOL.11 N.03. 25 ED. 2015**

sensações e sentimentos afirmam o desejo de pertencer a esse meio, revelando o deslumbramento diante das tradições desse povo. Todavia, a situação do país (falta de perspectiva de melhor estudo e escassez de trabalho) não permite que ela possa permanecer em Moçambique e, ao final da narrativa, ela planeja sua viagem a Portugal, como o início de uma outra fase de sua vida, através de uma nova relação com o país que conhecia apenas pelo relato de seus pais e amigos.

Se *A árvore das palavras* enfoca principalmente o olhar de Gita sobre o mundo, não o faz, porém, com exclusividade, já que a visão do mundo do narrador é, muitas vezes, emprestada das personagens a quem está narrando. Assim, temos uma obra dividida em três momentos (três capítulos) não nomeados, que intitulam épocas e conflitos específicos das personagens. Pelo enfoque dado aos capítulos, percebemos maior ênfase à personagem Gita, no primeiro e terceiro capítulos; e às personagens Laureano e Amélia no capítulo intermediário.

No primeiro momento, então, temos a apresentação das personagens Gita, Amélia, Laureano, Lóia, Orquídea, Ló, Zedequias, e do local onde elas vivem, um microcosmo marcado por diversas dicotomias, como a divisão do espaço entre Casa Branca e Casa Preta. Nesse microcosmo, as personagens se posicionam conforme suas identificações: se por um lado, o núcleo familiar da casa é constituído por Amélia, Laureano e Gita; por outro, é formado outro segmento familiar, dado o critério da empatia entre as personagens. Assim, no núcleo africano, propriamente, aparecem Lóia, a ama negra, suas filhas Ló e Orquídea, e seu marido Zedequias. Contudo, pelo fator empático, inserem-se nesse núcleo Gita e Laureano, por se considerarem parte do universo moçambicano. Já no núcleo português, numa posição de deslocamento e inconformidade com o ambiente africano, destaca-se Amélia.

Nesse capítulo inicial, descobrimos um narrador em primeira pessoa, que relata os fatos conforme suas impressões e identificações. Com uma voz pueril, Gita narra os acontecimentos de sua infância de acordo com sua visão do mundo, dirigindo-se a uma segunda pessoa, seu pai, com quem se identifica, por defenderem uma convivência harmoniosa com o ambiente, buscando a quebra da tradicional divisão entre portugueses e moçambicanos, entre brancos e negros, etc. Na narração de Gita, cabe a Amélia a postura que esta assume perante a vida e o país onde habita, ou seja, uma posição de deslocamento. A narradora se refere à mãe como uma terceira pessoa, quase uma desconhecida, atribuindo o papel materno mais à ama Lóia do que a Amélia.

O segundo capítulo do romance é narrado em terceira pessoa, mas mantém o olhar das personagens que nele predominam: Amélia e Laureano. Amélia, mãe da protagonista, é uma portuguesa que passa a viver em África, mas que não se identifica com esse espaço. Nesse capítulo, é narrada a forma como a vida levou-a a atravessar partes do Oceano Atlântico e do Índico até chegar à terra moçambicana. A ideia que persiste na trajetória de Amélia é a ideia de exclusão, como se a vida a houvesse traído ao tirar-lhe tudo aquilo a que realmente dava importância, relegando-lhe somente as sobras de seus sonhos e ideais: “A cidade enganara-a, e por isso ela a odiava tanto. Mas não fora a cidade a enganá-la, sentiu, a vida a enganara” (2004, p. 84). Permanece, então, nas atitudes de Amélia, uma sensação eterna de desconforto com a realidade e uma ânsia de fuga da vida, nem que seja pela ficção que alimentava na sua existência, através das pequenas mentiras que contava para estranhos ou mesmo para os familiares, como os passeios furtivos de domingo, ou ainda, antes de desembarcar em Moçambique, as mentiras quanto à duração de sua viagem ao continente africano: “Não sei bem, disse por fim, com o coração descompassado, sentindo que nunca mais diria uma só palavra verdadeira sobre si mesma. Vim visitar parentes. Passar férias” (2004: p. 103).

Ainda no segundo capítulo, quando a narração recai sobre Laureano, notamos que a posição dele diante da vida é bastante diversa da de Amélia. Laureano, pai de Gita, identifica-se com o ambiente onde vive e se mistura a ele. Conformado com a vida que leva, desconhece a sensação insaciável de querer sem conta, de buscar sempre mais, de nunca se contentar com o estado atual, típica dos brancos ocidentais. Em comunhão com a terra, com seu ritmo de trabalho e de descanso, com o povo de seu país, a Laureano somente lhe faltava o amor de uma mulher, o qual acreditava ter encontrado na moça de sorriso triste d’além mar, com quem se correspondia e com quem pretendia se casar: “Porque ele acreditava que para o amor todos os caminhos eram bons, bastava as pessoas terem coração e Deus querer” (2004, p. 91).

Já o terceiro capítulo de *A árvore das palavras* narra a vida adolescente e adulta de Gita. Nesse processo de amadurecimento e de independização da protagonista, dispõe-se paralelamente o desenvolvimento da ação que levou Moçambique à independência. E podemos dizer que o período que leva Gita e a nação moçambicana à emancipação tem início com a partida de Amélia, elemento representante de um posicionamento retrógrado diante da então colônia. Assim, ausentando-se o componente deslocado, resta maior força aos que se identificam com a nação e que se dispõem a lutar por ela; bem como sobra maior liberdade à protagonista para viver em conformidade com suas crenças e empatias e para ir ao encontro de seus objetivos.

Cabe salientar que, nesse período, ocorre a morte da principal representante do núcleo tradicional moçambicano, no romance, Lóia, além da decadência do espírito vivaz de Laureano, mensageiro de uma atitude de harmonia entre os negros e os brancos de Moçambique, que entrega seus dias ao acaso, após a partida de sua amada Amélia. Dessa maneira, sem os referenciais antigos, Gita se lança em busca de novos para sua busca de emancipação e para a luta por maior igualdade entre seu povo.

## **2. Por trás das palavras: a afirmação de uma identidade cultural**

Para a análise do romance de Teolinda Gersão, sob o viés cultural e identitário, cabe reafirmar a relevância do título do livro, *A árvore das palavras*, pois este assume diversos significados dentro da narrativa e da cultura em estudo. Além de mostrar-se como um trocadilho da expressão do senso comum de portugueses que buscavam riquezas em África, “árvore das patacas”, pode se referir à importância dada à oralidade pelos povos africanos, que só tardiamente passaram a fazer uso da escrita com maior assiduidade, lembrando os encontros vespertinos ou noturnos, para a narração de acontecimentos do dia ou da tradição, a fim de prolongar esses feitos pelas gerações sucessoras.

Segundo os estudos de Durand, em sua obra *As estruturas antropológicas do imaginário* (2001), acerca do simbolismo da árvore, temos as seguintes considerações:

[...] o papel metaforseante do vegetal é, em muitos casos, o de prolongar ou sugerir o prolongamento da vida humana. O verticalismo facilita muito esse “circuito” entre o nível vegetal e o nível humano, porque seu vetor vem reforçar ainda as imagens da ressurreição e do triunfo. E, se Descartes compara a totalidade do saber humano a uma árvore, Bachelard pretende que a “imaginação é uma árvore”. Nada é, assim, mais fraterno e lisonjeiro para o destino espiritual ou temporal do homem que comparar-se a uma árvore secular, contra a qual o tempo não teve poder, com a qual o devir é cúmplice da majestade das ramagens e da beleza das florações. (2001, p.342).

Pela reflexão de Durand (2001), percebemos outros sentidos possíveis para a simbologia da árvore, que pode simbolizar a imaginação, o saber e, ainda, o “prolongamento da vida humana”. A idéia de prolongamento da vida está em conformidade com a perspectiva da árvore como meio para os encontros que propiciam o continuar de uma tradição, pelas histórias contadas que, então, somente podiam persistir entre o povo, se os descendentes as perpetuassem,



ao prosseguirem contando e recontando o feito de seus antepassados. Se observarmos os seguintes fragmentos de *A árvore das palavras*, podemos fazer algumas aproximações com as definições utilizadas por Durand (2001):

[...] Em volta da árvore cantavam e dançavam, diz Lóia. Da árvore dos antepassados. Junto dela a ofereciam sacrifícios de farinha em sua honra, porque era deles que vinha o espírito que se dava aos filhos. Em volta da árvore cantavam e dançavam. Os antepassados eram espíritos e deuses. A eles se pediam boas colheitas, saúde para o gado, vida tranqüila. As pessoas, muitas pessoas aproximavam-se cantando, isso passava-se mais longe, ao longo do rio Incomati, dizia Lóia. Cantavam e os espíritos ouviam. (2004, p.23).

[...] Ou sentava-me debaixo da árvore do quintal e falava com o vento e as folhas. A árvore abanava os ramos e eu pensava: a árvore das palavras. Às vezes essa árvore reaparecia nos sonhos: Crescia à beira de um rio e tinha ramos que chegavam ao céu. (2004, p.32).

[...] Eu sou, dizia a árvore agitando os ramos, a semente abrindo no escuro, a água apodrecendo nas línguas, a floresta dormindo. Eu sou. E quando a gente respirava fundo havia o cheiro de mato no quintal, como se estivesse ali muito perto, como se todas as coisa fossem contíguas[...] (2004, p.50).

A árvore, muitas vezes representada pelo jacarandá, na obra de Teolinda Gersão, é o símbolo da eterna perpetuação do povo africano por seus descendentes, pois é onde se celebra a vida e a morte, através da dança. As letras (*Árvore das palavras*) das canções possuem os ensinamentos milenares. A árvore é vista, então, como o símbolo do triunfo da vida sobre a morte, do contínuo renascer da cultura africana.

Além da simbologia da árvore, a obra em análise apresenta diversos símbolos, crenças, ritos e ensinamentos que vão mostrando o lado místico e mítico do povo africano. Traços culturais que vão tecendo parte da identidade do povo moçambicano, a qual complementada com elementos adquiridos do colonizador e “traduzidos”, conforme os usos e costumes já instituídos na comunidade.

Neste momento de nossa reflexão, faz-se interessante o apelo à discussão de Stuart Hall (2004) sobre a identidade cultural na denominada “pós-modernidade”. Conforme o autor, “a reafirmação de ‘raízes’ culturais e o retorno à ortodoxia têm sido, desde muito tempo, uma das mais poderosas fontes de contra-identificação em muitas sociedades e regiões pós-coloniais e do Terceiro Mundo” (2004, p.95). Ou seja, voltar-se ao passado surge como uma opção para combater a tentativa dos colonizadores em “apagar” as diferenças, para impor sua cultura, sua língua, sua visão do mundo.

Hall (2004), ao continuar sua discussão, lembra o papel do nacionalismo e da cultura nacional nos movimentos de independência indianos, africanos e asiáticos como modelo desse ideal de reafirmação. Em *A Árvore das palavras*, podemos verificar essa tomada de partido, por exemplo, quando Gita, já adolescente, planeja escrever, com o amigo Roberto, a frase “Viva Moçambique independente” (2004, p.184) a carvão, no muro do liceu onde estuda. À sua maneira, os jovens pretendem contribuir com o movimento que acreditam necessário ao seu país, visto que, antes que a independência fosse possível, seria necessário que os habitantes do lugar já o pudessem visualizar separadamente do país colonizador. A protagonista do romance desenvolve, durante o desenrolar de sua vida, um olhar bastante crítico quanto a Portugal, à maneira de seu pai e ao contrário de sua mãe. Até porque, se continuasse a acreditar na estrutura do colonizador, possivelmente não seria possível a crença na independência de seu país a tal ponto de lutar por ela, uma vez que seria necessária para a luta, a crença no futuro do país. A necessária diferenciação entre Portugal e Moçambique, de enaltecimento dos defeitos do primeiro e das qualidades do segundo, são fatores primordiais para a tomada de partido de Gita:

Um país mal governado. Mal pensado. Mas podia-se fazê-lo explodir, para o obrigar a pensar tudo de novo. O Velho estava sentado no seu trono – mas não era verdade que podíamos derrubá-lo? Quem viver, verá. E eu vou viver. E ver explodir, ou implodir, o país-casa-das-primas (2004: p. 186)

Durante toda a extensão do romance, permanece uma dicotomia entre Portugal e Moçambique. Já no ambiente do núcleo familiar de Gita, percebemos o conflito de duas ordens culturais diferentes - a portuguesa e a africana, assinalado pela divisão espacial da casa de Gita entre “casa branca” (local de pertencimento de Amélia) e “casa preta” (lugar de incumbência de Gita, Lóia, Laureano, Orquídea e Ló). Gita, na narrativa, é o ponto de encontro dessas ordens culturais, representadas por seus pais, mas alimenta com maior intensidade a identificação com o lado africano de sua criação.

Aqui cabe ressaltar o posicionamento de Stuart Hall sobre a identificação: “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (2004, p.39). Neste caso, Gita, apesar de pertencer às duas casas, aos dois mundos (português e moçambicano), identifica-se mais com a cultura africana, dada a ênfase na afetividade das relações humanas, na liberdade da educação, na convivência mais harmoniosa com a natureza. A convivência estreita com Lóia, Ló e Orquídea, além dos ideais herdados do



pai, parece exercer na protagonista um processo de “enegrecimento”. Essa intensa identificação com a cultura africana vai se construindo desde sua época de bebê, quando é amamentada por Lóia:

[...] Lóia não tem pressa, porque Orquídea também não tem pressa, vai sugando e suspirando muito, com ruídos de pequeno animal saciado. Amélia estremece de nojo na cozinha. É preciso desinfetar-lhe o peito com álcool, ou Gita vai sofrer todos os contágios. Mas ela recusa-se a deitar qualquer desinfectante nos mamilos, e Gita sofre o pior dos contágios: *torna-se negra como Lóia e Orquídea*<sup>1</sup>. [...] Lóia dá um peito a uma e outro peito a outra, sentada na cozinha e no quintal. E assim eu ganho o mesmo cheiro de Orquídea e uma carne densa e flexível, ao mesmo tempo cheia e sem gordura, coberta por uma pele macia como a seda. (p16).

Para o desgosto de sua mãe, o sentimento gradativo que acompanha o crescimento de Gita é o de identificação e, assim, quanto mais a menina conhece e se insere no universo africano, mais ela o ama. Ao contrário de Amélia, que representa o olhar português em África e, com ele, a falta de diálogo entre esses dois povos, a incompreensão dos costumes dos negros, a xenofobia racial e a repulsa pelo que não lhe é de origem. Essa personagem, que tem um capítulo quase que destinado só para ela (o segundo), tem uma vida infeliz, pois vem de uma família portuguesa e pobre, tendo ainda passado por um infortúnio amoroso em seu país natal, o que a impediu de se casar por amor. Com isso, viu-se lançada por um caminho bastante diverso do que até então pudera imaginar. Tendo iniciado uma história amorosa por correspondência, com um homem estranho, o qual conheceu através de um anúncio no jornal, Laureano, logo que se desilude com o namorado português, opta por se casar com o moçambicano, apoiada pela marinha. Daí, sua infelicidade está calcada em suas ambições e desejos não correspondidos no novo mundo a que se lançou.

Na verdade, o maior desgosto de Amélia é a eterna sensação de exclusão que lhe proporciona sua condição social, como reconhece Inara Rodrigues (2006):

A contradição de não poder se sentir efetivamente branca, porque pobre, aumentava, assim, sua necessidade de distanciar-se dos negros, de negar os valores africanos; pintava os cabelos de loiro, não admitia a identificação da filha e do marido com a cultura negra, que fazia questão de desprezar e julgar negativamente.

---

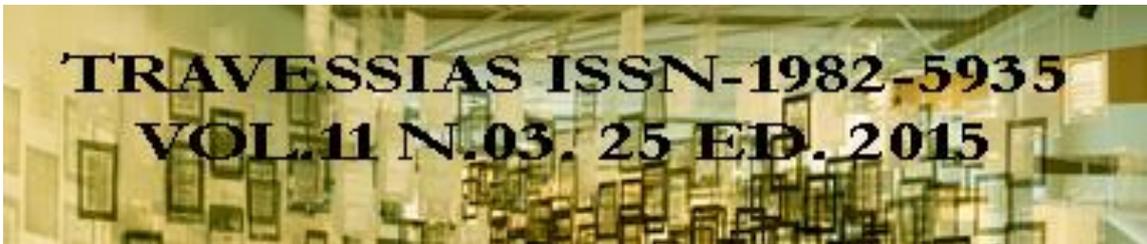
<sup>1</sup> Grifo nosso.

Tudo que vem do pequeno núcleo africano (casa preta), ou o simboliza, desperta seus medos e lhe causa uma enorme confusão de sentimentos, pois essa personagem transfere a sua repulsa e o seu ódio aos sentimentos que os negros teriam em relação aos brancos: “Nos negros não se pode confiar, diz Amélia. Porque nos desejam o mal e nos odeiam. Armam feitiços contra nós e podem trazer-nos a doença ou a morte. Sim, o teu amigo, o teu amigo é o que te dá a morte” (2004, p.18). A mãe de Gita, nesse caso, teme aquilo que não conhece e que pretende não conhecer. O distanciamento é necessário, até para não lhe conhecer as qualidades e lhe adquirir afeto e respeito. A distância e a idéia de superioridade só é possível a Amélia perante os negros, uma vez que apenas a cor pode a diferenciar, dada sua condição social, que não lhe permite equiparar-se à sua cliente Dora, por exemplo:

Porque ela era tratada como criada (nada mudara, nada mudara, desde a casa da madrinha), era tratada como os criados negros, e um dia em que Dora lhe deu um tecido para um blusa, um tecido feio que por qualquer razão absurda lhe tinha ido parar às mãos mas ela não queria para si, e por isso lho dava, como uma forma mais discreta de o deitar no lixo, ela sentiu-se corar, como se estivesse descalça no mato e uma patroa branca lhe levasse um saquite de pano (2004, p.107-108).

E a posição de Amélia como representante do colonizador em país colonizado não é traço exclusivo da personagem, já que os portugueses que comumente se aventuravam a viver em território luso-africano possuíam baixo poder aquisitivo e para lá emigravam em busca de lucros fáceis, ou então de uma condição diversa de vida, dado o fato de, então, serem brancos em meio aos negros, como se isso fosse alguma garantia de melhores condições de vida ou de status social. Cabe lembrar as palavras de Laura Padilha, sobre a “expatriação” de negros e brancos no cenário colonial africano: “No caso dos brancos, o ponto de partida quase sempre é a aldeia natal, de onde saem em busca de um novo território onde arraigar-se. Os espaços que inicialmente ocupam são tão subalternos como eles” (2002, p.97).

Conforme afirma Rodrigues (2006), contudo, “a situação da mãe de Gita é problematizada de forma a serem evitados reducionismos fáceis na aproximação da personagem com o discurso colonialista”. Ou seja, a Amélia não é atribuído simplesmente o papel de vilã da história, nem mesmo de vítima dela, mas de um sujeito que não se conforma com os espaços que ocupa, de modo que parece não lhe brotarem meios para a mudança desejada. Assim, essa repulsa por tudo que ela não compreende e que não provém de seu país de origem (Portugal) é relacionado a uma identidade fechada sobre si mesma, que nega o outro, ao negar toda diferença.



Como apresentam os estudos de Glissant (2005), esse tipo de pensamento (que é o pensamento hegemônico do ocidente) se enraíza num conceito de identidade denominado “identidade-raiz”, expressão tomada dos estudos de Deleuze e Guattari, para nomear o fato de a raiz matar tudo o que está ao seu redor.

A Identidade de raiz única exclui o outro e se opõe à concepção própria das culturas compostas – da identidade com rizoma (cujas raízes se espalham na superfície indo ao encontro das demais) (GLISSANT, 2005, p.27).

O que podemos observar, então, é uma personagem como símbolo de resistência à aceitação do outro, com uma identidade fechada que, por um lado, causa alguma estabilidade, por ser homogênea e etnocêntrica; e, por outro lado, por possuir um núcleo duro, uma tendência ao enraizamento, pode vir a se tornar adepta ao princípio gerador do nazismo.

Essa forma de engessamento do ser humano, advinda da não-aceitação do outro, é vista na obra em análise como uma espécie de morte do indivíduo”. E essa morte em vida do indivíduo pode ser observada na seguinte passagem da obra de Gersão:

‘Ela tem muito milando a vida dela’. A face branca de Lóia branqueando a face negra de Amélia. Negro e branco são conceitos variáveis, eu sempre soube disso. Lóia era branca. Luminosa. A quase piedade, vizinha da compreensão, com que falava de Amélia: ‘Ela está morta. Está viva, mas está morta’.  
Trocam de lugar agora: Lóia está viva, faz parte do vento, da luz, da paisagem, da alma deste lugar, dos espíritos familiares que se invocam em redor da árvore dos antepassados. E é Amélia que está morta, algures, como se o lugar para onde for, e de onde nunca mais se deu notícias, se chamasse também Mocímboa da praia (p.174).

A autora de *A árvore das palavras*, aqui, novamente mexe com os sentidos dados pelo senso ordinário. Se vulgarmente existe uma concepção de negritude negativa e bastante arraigada à noção de raça; com a inversão apresentada no romance de Gersão, os conceitos de negro e branco são postos como variáveis, de modo que à ama negra é que é atribuída a luz e a brancura que enaltecem a vida, sobrando à branca portuguesa o negrume de quem alimenta a morte nos gestos e no modo de viver. Lóia aparece aqui como o estereótipo da mulher negra africana. Ela é o símbolo do que permanece na cultura. Como mulher, é a resistência e a força desse povo.

Em contrapartida à imagem associada à personagem Amélia, temos a personagem Laureano (marido de Amélia), que também é branco, mas não possui essa fobia da terra onde vive; muito pelo contrário, ele acaba por fazer parte do microcosmo africano, representado pela

“casa preta”. Laureano, como pai, é quem passa os valores de aceitação e amor a terra onde vivem (juntamente com Lóia) à filha Gita. A presença da cultura africana em Laureano é mesmo demonstrada em seus atos e na maneira como conduz sua vida:

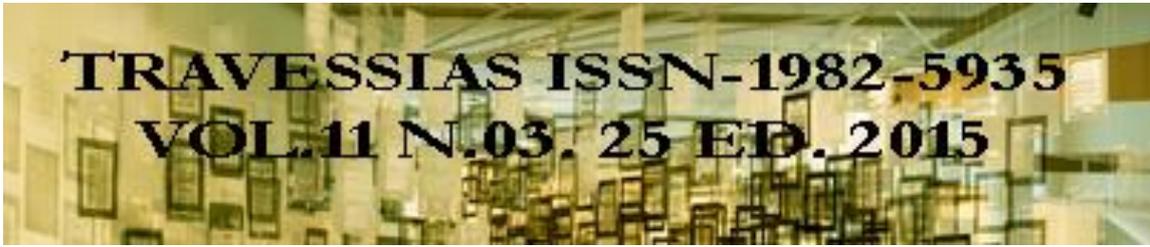
Basta-nos no fundo muito pouco, porque somos também pouco: matar a fome a sede e o desejo de sexo, a esteira para dormir e o coração em paz.  
Laureano sempre viveu desse modo, e eu compreendo-o. Essa é uma sabedoria milenar (2004, p.161).

Essa aceitação das coisas se opõe ao conceito de “identidade-raiz” (2001) e é próprio da “identidade-rizoma”, conceito emprestado de Deleuze e Guattari, pois o rizoma é uma raiz múltipla que se propaga sem prejudicar as outras plantas. A “identidade-rizoma” traz a aceitação das diferenças e a possibilidade de relacionamento com o outro, sem pretender impor verdade nenhuma. Essa conceituação está calcada na mobilidade, processo de alteridade, que é uma abertura para aceitação do outro que não faz parte da própria tribo. Caracteriza-se também pela heterogeneidade. A identidade, como se sabe, faz parte de um processo, pois não está completa, mas em formação contínua.

É interessante salientar mais uma vez que Gita é fruto da união de duas pessoas (Amélia e Laureano) que representam formas de afirmação de identidade distintas (raiz-única e rizomática), mas acaba por reter o que há de melhor delas. O processo de constituição identitária de Gita coincide com a construção da identidade do país africano (Moçambique) que, por passar anos sob domínio colonial, ainda estaria em fase de edificação da sua identidade como nação. O rito de passagem de Gita (adolescente) para a vida adulta, então, justapõe-se, na narrativa, com as lutas pela independência de Moçambique, na qual Gita, já com certa maturidade política, envolve-se de forma efetiva.

Por alguns dias não existe mais nada. Nem sequer a guerra. Mas o mundo é mais vasto, penso depois, sentindo que não esgota em nós. Ela crescia nos sonhos, digo a Roberto enquanto pintamos o cartaz. A árvore das palavras. Para contornar o seu tronco seriam precisas nove luas. E cada folha era extensa como um vôo de pássaro. Mas de certeza que não só nos meus sonhos: Crescia também nos de toda gente. (p.170)

Enquanto é descrita a confecção desse cartaz por Gita, é possível observar uma forma de discurso ideológico em que temos a representação de Moçambique, a partir do olhar desejoso de um país livre e mais igualitário para todos. E a crença na possibilidade de sobrevivência do país



independizado depende, como já mencionado, do olhar atento às suas próprias qualidades e às do colonizador, para constituir a nação com o melhor de um e de outro. Nesse processo, também Gita deve conhecer o outro, daí a necessidade de sua viagem a Portugal, mesmo que saiba das adversidades que lá pode encontrar:

Tudo favas contadas, penso. Tudo favas contadas. A prima de África terá naturalmente de ajudar no serviço da casa, e para que isso vá sendo sugerido desde já oferecemos-lhe lugar no quarto da outra, que também ajuda no serviço da casa – porque é claro que quem vem de fora e se acolhe por favor a bemizer não possui quaisquer direitos e tem de merecer o se pão servindo os que estão dentro (2004, p. 186).

Parece necessário a Gita trilhar o mesmo caminho de sua mãe, para tentar, durante o percurso, provar que a história de Amélia podia ser diferente, e que, enfim, a História podia ser diferente. Como Gita, o país recém-independente também terá muitos desafios para a consolidação de uma identidade e de uma imagem diversa frente a seus ex-colonizadores. Depois da dominação explícita do tempo de colônia, virão outros modos de preponderância, como a dominação econômica e a dominação midiática, que impõe valores e desejos. Gita sabe que a independência é só o começo: “Porque há-de haver algures trabalho para mim em Lisboa – servir à mesa em restaurante, balcão de loja, escritório, armazém, boutique, alguma coisa me há-de pagar o estudo e garantir a independência” (2004, p.186). Iniciar por servir o ex-dominador, ou então, continuar-lhe a servir, mas agora de forma diversa, independente, propensa a outros caminhos. Servir agora seria somente uma opção e não mais uma obrigação, porque agora haveria a oportunidade de crescer e mudar de atitude, porque agora se era independente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. *As Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. trad. Helder Godinho. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GERSÃO, Teolinda. *A árvore das palavras*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz T. da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.



**TRAVESSIAS ISSN-1982-5935**  
**VOL.11 N.03. 25 ED. 2015**

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RODRIGUES, Inara. “O espaço do incomunicável em *A Árvore das palavras*, de Teolinda Gersão”. In. *Letras de Hoje*, v.41, n°3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006